

O QUE PENSAM GESTOR E PROFESSORES SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL?

Ana Paula Oliveira Maia¹
Felina Kelly Marques Bulhões²
Mayana Valentin Santana³
Carla Gisele dos Santos Carvalho⁴
Núbia da Silva⁵

RESUMO

A Educação Sexual (ES) no ambiente escolar deve ser um processo calculado e articulado, que pretenda propiciar aos adolescentes um desenvolvimento que inclua conhecimento, questionamento e reflexão. Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo analisar a percepção de Gestor e Professores de uma escola pública sobre Educação Sexual, buscando caracterizar a relevância do tema segundo a visão destes sujeitos e identificar as principais dificuldades em trabalhar o tema na atualidade. Para isso foi feita uma entrevista com gestor e aplicado um questionário para os professores em uma escola municipal na cidade de Barreiras-BA. Foi possível constatar que tanto o gestor quanto os professores, apresentaram um conhecimento superficial sobre a ES, embora considerem importante o debate a maioria alega que essa temática deve ser trabalhada exclusivamente nas aulas de Ciências e Biologia, revelando assim um desconhecimento dos PCN's sobre o que trata os temas transversais. Verificou-se que há uma necessidade de formações continuadas aos professores de maneira que os mesmos trabalhem de forma efetiva e interdisciplinar a ES, a partir de discussões, oficinas, projetos que auxiliem o professor a lidar não somente com os alunos, mas também com a família. Uma vez que for trabalhada a sensibilização quanto à temática nas capacitações, ficará menos desafiante para as escolas abordar o assunto, principalmente envolvendo a família e sobretudo, desenvolvendo parcerias com o setor da saúde. Um tema dessa natureza requer a participação coletiva da escola, família e setor da saúde.

Palavras-chave: Sexualidade, Família, Escola, Aluno.

INTRODUÇÃO

A educação sexual é uma forma de atender as inquietações dos adolescentes em relação ao processo de desenvolvimento da sexualidade. No entanto, os temas relacionados à educação sexual são tratados como algo incerto, que devem ser evitados, isso porque alguns pais e educadores acreditam que essa abordagem pode estimular precocemente a sexualidade de crianças e adolescentes (MAIA *et al.*, 2011).

¹Graduanda no Curso de Ciências Biológicas da Universidade Estado da Bahia-UNEB, paula.uneb95@gmail.com;

²Graduanda no Curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual do Estado da Bahia-UNEB, felinakelly93@hotmail.com;

³Graduanda no Curso de Ciências Biológicas da Universidade do Estado da Bahia-UNEB, mayana_v@hotmail.com;;

⁴Graduanda no Curso de Ciências Biológicas da Universidade do Estado da Bahia-UNEB, Carla.l.carvalho@outlook.com

⁵Professor orientador: Mestre em Biodiversidade, Docente na Universidade do Estado da Bahia-UNEB, nubiaetnobilio@gmail.com

Diariamente, crianças e adolescentes são bombardeados com inúmeras informações, sobretudo relacionadas ao sexo e sexualidade, fato este, que os levam a ter dúvidas, em certos casos sentem vergonha em expor suas inquietações. É necessário que a família faça uma abordagem sobre a educação sexual em casa, na qual, sejam passados valores que ajudem seus filhos a construir sua própria identidade durante o processo de desenvolvimento da sexualidade (BRASIL, 1998).

Conforme Maia e Ribeiro (2011), no ambiente escolar, a educação sexual deve ser um processo calculado e articulado, que pretenda propiciar aos adolescentes um desenvolvimento que incluía conhecimento, questionamento, reflexão, a concepção de uma cidadania atuante, instrumentos que possam ajudar o combate à homofobia e à discriminação de gênero, assumindo assim um papel complementar ao trabalho iniciado pela família. No entanto, ainda existem docentes que ao longo de sua carreira profissional não conseguem avançar em determinados temas propostos, e são vários os fatores que os limitam nesse sentido, tais como, falta de domínio do tema, seus valores e suas condutas resistentes que constroem durante seu dia-a-dia, entre outros (GONÇALVES *et al.*, 2015).

A educação sexual para os adolescentes é justificada pela necessidade de acreditar que a sexualidade está presente em todas as etapas da vida. No entanto, é necessária a circulação de informações a respeito do conhecimento do próprio corpo e a promoção de uma vivência saudável da sexualidade, entretanto, essa temática ainda é trabalhada de maneira restrita, em que a promoção a saúde é o enfoque principal, deixando de lado as necessidades pessoais e inquietações dos alunos (NOTHAFT *et al.*, 2014).

Nesse sentido, o presente estudo tem o objetivo de analisar a percepção de Gestor e Professores de uma escola pública sobre Educação Sexual, buscando caracterizar a relevância do tema segundo a visão destes e identificar as principais dificuldades em trabalhar o tema na atualidade.

METODOLOGIA

Caracterização da Área de Estudo

A pesquisa foi desenvolvida no município de Barreiras (12° 09' 10" S 44° 59' 24" O), localizado no extremo Oeste da Bahia, à margem esquerda do Rio São Francisco, apresentando área total de 7.859,225 km², com população estimada em aproximadamente 157.638 habitantes (IBGE, 2017).

Os dados foram coletados em uma Escola da rede municipal de Barreiras-BA, a qual, possui cerca de 37 funcionários, destes, 13 são professores. Quanto ao número de alunos, a escola atende cerca de 365 alunos, distribuídos no Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II e EJA.

Coletas de dados acerca da Educação Sexual

Inicialmente foi realizada uma visita para apresentar a proposta da pesquisa para a escola (gestor e professores), bem como solicitar em caso de aceite, que assinassem o termo de consentimento, assumindo o compromisso em contribuir com o trabalho, deixando claro aos participantes que as informações são sigilosas e não comprometeriam a escola, nem os sujeitos envolvidos.

A coleta de dados foi feita com base em entrevista aplicada ao gestor utilizando um questionário com perguntas específicas. O questionário apresentou doze perguntas, as quais abordaram qual a preocupação da escola com os temas relacionados à sexualidade, como é inserida a educação sexual na escola; se está incluso no Projeto Político Pedagógico (PPP), se os educadores desenvolvem algum projeto relacionado a temática, quais as dificuldades enfrentadas, entre outras perguntas. O mesmo foi feito para os professores, que lecionam o ensino fundamental II, porém com aplicação de questionário, no qual, os professores preencheram livremente, quinze perguntas que tratava de como trabalham a educação sexual, suas opiniões a respeito do assunto, se obtiveram alguma formação específica para lecionar o tema, entre outros questionamentos.

Esta pesquisa é de caráter qualitativo, uma vez que visa extrair dos sujeitos, seus pensamentos, que foram livremente ditos sobre o tema, objeto ou conceito. E quantitativo, pois se utiliza da quantificação das informações sendo representadas por meio de gráficos, utilizando o programa Excel versão, 2010.

DESENVOLVIMENTO

Educação sexual no contexto familiar e escolar

A educação sexual apresenta o direito que toda pessoa tem em adquirir informações sobre seu corpo e relacionamento sexual, bem como ao direito de expor suas dúvidas, aprender a refletir e debater para formar suas opiniões e valores relacionados ao sexo, como também demonstrar seus sentimentos e tabus ligados à sexualidade (BEZERRA *et al.*, 2018). Dessa forma, a educação sexual, pode ocorrer voluntariamente ou não, podendo acontecer de forma indevida, demonstrando caráter autoritário, restrito e conservador, ou então pode

ocorrer de maneira apropriada, na qual, o adolescente será instigado a fazer reflexões, a elaborar opiniões construtivas, e criar um caráter emancipatório (SILVA, 2016). Tais aspectos têm a educação familiar como uma forte influenciadora.

Nesse sentido, Gonçalves *et al.* (2013), ressaltam que a sexualidade ainda é considerada um tabu no cenário brasileiro, no qual, o preconceito em relação ao tema, deixa crianças e adolescentes retraídos em dialogar seus questionamentos. Isso é reflexo das dificuldades que a família, sobretudo os pais enfrentam em dialogar o assunto, uma vez que a sociedade relaciona educação sexual a algo obscuro e proibido (MOIZÉS; BUENO, 2010). Conforme os PCN's (Parâmetros Curriculares Nacionais), a educação sexual deve ser trabalhada nas escolas de maneira transversal, na qual haja a participação de todas as áreas de conhecimento, em todos os níveis de ensino, cabendo ao professor trabalhar o tema de maneira coerente, levando os alunos a um autoconhecimento, bem como a compreensão de seus próprios limites (BRASIL, 1998).

Porém, como se não bastasse as poucas e restritas abordagens sobre educação sexual, em 2017, um novo documento é aprovado pelo Plano Nacional de Educação (PNE), conhecido como Base Nacional Comum Curricular ou BNCC, que por sua vez, apresenta uma abordagem que contradiz os PCN's, em seu texto, é excluído os termos "Orientação Sexual" e "Gênero", essa alteração feita de um documento para outro, representa um retrocesso na Educação Brasileira (FERNANDES; LORENZETTI, 2019).

Estudos realizados por Holanda *et al.* (2010) e Nothaft *et al.* (2014), relatam que a educação sexual ainda é abordada de maneira restrita, em que o enfoque principal é a promoção a saúde, deixando de lado as necessidades pessoais e inquietações dos alunos. Nesse sentido, é importante que a escola reconheça que a abordagem do tema deve ir além dos aspectos anatômicos biológicos do corpo humano (GONÇALVES *et al.*, 2013).

Papel do professor na educação sexual

Os Parâmetros Curriculares Nacionais foi o ponto pé inicial ao lançar a proposta de se trabalhar Educação Sexual com enfoque interdisciplinar. Porém, teoria e prática nem sempre se mostram unidas, principalmente quando o assunto é sexualidade, muitos professores têm dificuldade com o tema, o que fragiliza ainda mais o processo de ensino (BRASIL, 1998).

De acordo com Oliveira *et al.* (2013), os docentes ainda sentem dificuldade para dialogar sobre sexualidade e a principal dificuldade é a falta de preparo para abordagem e problematização do tema envolvendo aspectos sociais e éticos. É conveniente que o professor tenha acesso a uma formação específica para trabalhar o assunto com adolescentes, construindo assim uma postura consciente e profissional no diálogo em sala de aula. Essa

dificuldade dos professores poderia ser amenizada se os cursos de licenciatura tivessem disciplinas voltadas a essa temática, visto que o tema ainda é considerado complexo para muitos professores e se a educação sexual fosse inserida na formação docente facilitaria que o mesmo adquirisse mais segurança ao dialogar o assunto (ROSSAROLLA *et al.*, 2018).

O professor precisa estar preparado para atender as inquietações e valores dos alunos, necessita também em lidar com os tabus e preconceitos que essa temática carrega, seu papel é informar sobre as dúvidas ao invés de apenas transmitir conteúdo. Como reforçam Costa *et al.* (2018), discutir sexualidade implica em estimular debates com a população, pois ela faz parte do ciclo vital, seja no sentido biológico ou para compor a história dos adolescentes nas diferentes culturas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entrevista com a gestão escolar

A escola possui uma gestora, formada em pedagogia e história, a mesma está há dois anos e meio na função. Segundo ela, a escola não possui projetos voltados à Educação Sexual (ES), no entanto, a temática já foi trabalhada na instituição. Nesse sentido, Moisés e Bueno (2010), argumentam que o trabalho com a educação sexual feito com crianças e adolescentes, deve ser contínuo e permanente, para que possa ser discutida as informações e as atitudes coletivas e individuais que a ES provoca na sociedade.

Quando questionada a respeito da existência do PPP (Plano Político Pedagógico) na escola e se são contemplados temas transversais como é o caso da ES, foi relatado que a instituição possui o PPP e nele apresenta o tema Educação Sexual para ser desenvolvido em forma de palestras e em sala de aula, no entanto, a proposta ainda não foi colocada em prática este primeiro semestre de 2019. Sobre esse fato, alguns autores ressaltam que a educação sexual é assumida formalmente nas escolas quando estas resolvem desenvolver projetos para trabalhar essa temática, convidam profissionais para proferir palestras ou desenvolverem programas em ES, visando assim o bem estar dos alunos, no entanto, não basta apenas ter a ideia, é preciso colocá-la em prática e sobretudo articulá-la de maneira interdisciplinar na escola e aí se encontra um dos maiores desafios do contexto escolar (GONÇALVES *et al.*, 2015).

Segundo Costa *et al.* (2018), a escola é uma instituição totalmente envolvida no processo de desenvolvimento do aluno, seu grande desafio é trabalhar temáticas como a educação sexual de maneira a assumir os embates e as diferentes opções que as pessoas tem

sobre a ES para poder dar continuidade ao trabalho com essa temática. Conforme o quadro 1, é possível perceber que apesar da escola não está trabalhando a temática esse ano, a gestora mostrou que tem conhecimento a respeito da educação sexual, deixando claro que o tema deve ser abordado desde as séries iniciais até o ensino médio, sendo que de forma adaptada para cada nível de ensino.

Quadro 1. Principais perguntas feitas a Gestão.

PERGUNTAS	RESPOSTAS
Qual seu pensamento em relação à sexualidade atualmente? E quais níveis de ensino você acha interessante trabalhar o tema?	<i>“A sexualidade deve ser trabalhada com orientações adequadas para os professores. Deve ser trabalhada desde ensino fundamental I até o ensino médio, sendo adaptada para cada nível” (Gestora Escolar-GE)</i>
Como a escola contribui para prevenção de problemas graves, como o abuso sexual e gravidez indesejada?	<i>“Palestras e trabalhando com a percepção e dando apoio para os alunos” (GE)</i>
Como que a escola auxilia o professor no trabalho com a ES?	<i>“Trabalhando com a secretaria de saúde do município e capacitação ou treinamento para trabalhar a temática” (GE)</i>
A escola envolve a família nos projetos de ES? Como ocorre esse envolvimento?	<i>“Apenas na reunião dos pais é falado superficialmente quando necessário” (GE)</i>

Fonte: Elaborado pelos Autores (2019)

Quando questionada sobre como a escola contribui na prevenção de problemas graves, como abuso sexual e gravidez indesejada, a gestora relatou que, são promovidas palestras, nas quais é trabalhado a percepção dos alunos, além de sensibilizá-los por meio de ações preventivas, cujo objetivo é passar as informações necessárias aos alunos, abrindo espaço ao diálogo, para que os mesmos possam expressar suas opiniões e questionamentos em relação a esses problemas.

A gestora ainda citou um caso de abuso sexual, que um aluno da instituição sofreu, no qual, a escola deu todo apoio necessário, entrando em contato com os órgãos responsáveis em lidar com esse tipo de problema e disponibilizando acompanhamento psicológico para o aluno. Conforme um estudo realizado por Souza e Andrade (2019), a escola é o local onde crianças e adolescentes conseguem dialogar quando o assunto é violência sexual, devido ao

vínculo criado entre aluno e professor, o que facilita para um pedido de ajuda quando necessário.

Nesse sentido, estudos vem mostrando que, a escola tem um papel fundamental em orientar professores, com o objetivo que os mesmos possam desenvolver ações preventivas em relação as situações de violência sexual, como é o caso do estudo realizado por Figueiredo *et al.* (2013), o qual relata um treinamento feito pela secretaria de saúde do estado de São Paulo para 180 diretores e vice-diretores de 86 escolas de Diadema, sobre como trabalhar o tema violência sexual com os alunos, para que após esse treinamentos os diretores orientassem os professores a promover ações de prevenção da violência sexual e à proteção da saúde física e psicológica de crianças e adolescentes.

De acordo com a fala da gestora, foi possível perceber que, a escola auxilia o professor mantendo uma parceria com a secretária de saúde, esta por sua vez, auxilia o treinamento por meio de oficinas, palestras e debates relacionados à educação sexual, no entanto, essa capacitação é feita superficialmente, dando maior ênfase as doenças sexualmente transmissíveis e gravidez na adolescência, o que nos leva a constatar a superficialidade de um tema que requer uma abordagem mais contextualizada, o que não foi percebido neste estudo.

No tocante a um tema tão complexo e que demanda diferentes setores da sociedade, sobretudo de saúde, é possível perceber ainda, uma certa dificuldade dos profissionais desse setor em enfatizar e abordar a sexualidade de uma maneira mais espontânea juntamente com a escola, fato este que pode ser verificado em um estudo realizado por Malta *et al.* (2011), que evidenciou a necessidade do trabalho coletivo entre família, escola e sobretudo com os profissionais da saúde em promover a orientação necessária sobre temas relacionados a ES através de Políticas Públicas, Programas e Projetos que priorizem sua abordagem nas instituições de ensino.

Nesse sentido, Martins *et al.* (2011), afirmam que o governo precisa investir na formação dos profissionais da educação e da saúde, em virtude das dificuldades que se revelam por parte desse público ao lidar com determinados assuntos que requer conhecimento e compromisso de todos, principalmente da família, que em sua maioria não se envolvem com a escola, não procuram saber sobre a atuação dos filhos, o que revela uma fragilidade da atuação familiar na escola, uma vez que a própria família desvaloriza o papel da mesma. Isso foi constatado no presente estudo, a gestora ressaltou que o momento em que há espaço para a família é na reunião de pais, nem todos os pais participam, além disso, a educação sexual é falada superficialmente.

Estudos semelhantes revelam que a atuação da família é um fator preocupante, tendo em vista que os pais ainda se sentem incomodados em falar sobre esse tema, como é o caso do estudo realizado por Gonçalves *et al.* (2013), os quais fizeram uma abordagem sobre os impasses no desenvolvimento da ES por parte de pais e educadores, ao final do estudo os autores constataram que a grande barreira enfrentada pela escola ao colocar a sexualidade em diálogo com a família está relacionada ao desconforto que os pais sentem em conversar sobre o tema.

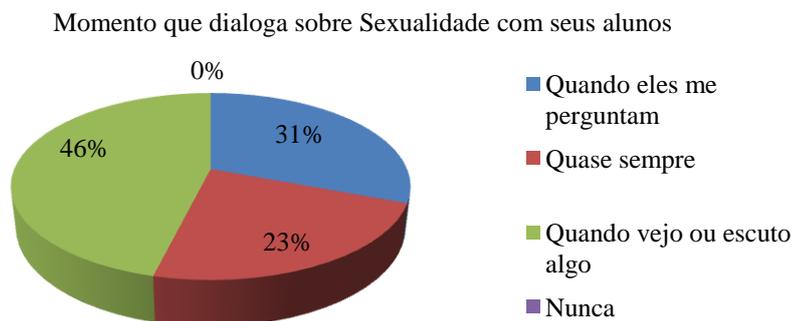
Questionário com os Professores

Os professores apresentaram entre 38 a 55 anos de idade, cujo tempo de profissão na instituição variou de um a vinte e cinco anos. Quando questionados se há formação continuada relacionada com a Educação Sexual, dos 10 professores que participaram da pesquisa, apenas um respondeu que tinha, porém a ES estava inserida com outras temáticas, não era o foco principal. A escola precisa desenvolver um trabalho sistemático sobre a ES, no qual todos os professores tenham acesso a uma formação para que assim seja possível trabalhar a interdisciplinaridade do tema nas aulas, sem que haja dificuldades (COSTA *et al.*, 2018).

Os professores consideram que possuem um nível de conhecimento sobre Educação Sexual mediano. Esta afirmação dos professores é bastante importante, tendo em vista que apesar dos tabus, das dificuldades, reconhecem que poucos sabem ou até mesmo poucos são os professores que ver sentido de abordar o tema de forma interdisciplinar e daí se encontra a falta de interesse constatada. Nesse sentido, a pesquisa realizada por Nothaft *et al.* (2014) com vinte e três professores de uma escola pública que participaram do subprojeto de extensão Adolescência e Sexualidade, mostrou que nem todo professor consegue discutir sobre sexualidade como um tema transversal, deixando a responsabilidade para os professores de Ciências e Biologia.

Sobre este fato, os PCN's propõe que, para dialogar sobre sexualidade, o professor precisa ter acesso a uma formação específica obtendo assim informações necessárias para trabalhar o assunto, de tal forma que, o mesmo possa realizar intervenções práticas com seus alunos (BRASIL, 1998). Conforme a figura 1, foi observado que 46% dos professores da escola pesquisada, só dialoga sobre sexualidade quando veem ou escutam algo, 31% quando os alunos perguntam, 23% quase sempre. A sexualidade apesar de está ganhando seu espaço na sociedade, ainda é considerada um tema bastante delicado como pauta de discussão, nesse sentido, alguns professores preferem dialogar sobre o assunto apenas quando surge uma necessidade em falar do tema com os alunos (GONÇALVES *et al.*, 2013).

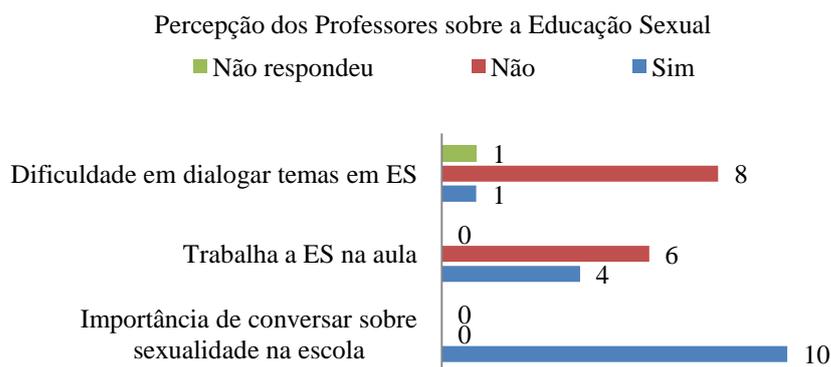
Figura 1. Percepção dos Professores sobre a Educação Sexual.



Fonte: Elaborado pelos Autores (2019)

Na figura 2, é possível perceber que apesar de todos os professores acharem importante conversar sobre sexualidade na escola, mais da metade não trabalham o tema em suas aulas, entretanto, mesmo não trabalhando diretamente com o tema, a maioria deles respondeu que não sentem dificuldade em dialogar sobre o assunto. O motivo pelo qual os professores não abordam a educação sexual em suas aulas está ligado a vários fatores, como por exemplo, a timidez, insegurança e a falta de conhecimento sobre os temas relacionados à ES, sendo assim, é preciso que toda a escola esteja envolvida nesse processo, para que isso aconteça, é conveniente que os docentes recebam as orientações necessárias para abordar a temática e, sobretudo tenham o apoio da gestão escolar e do setor de saúde (GONÇALVES *et al.*, 2015).

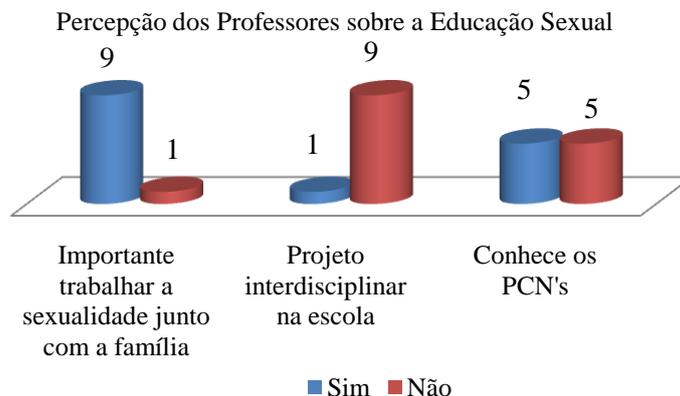
Figura 2. Percepção dos Professores sobre a Educação Sexual



Fonte: Elaborado pelos Autores (2019)

A respeito se é importante trabalhar a sexualidade junto a família, apenas um professor respondeu que não, nove responderam sim, justificando que crianças e adolescentes terão mais conhecimento e sentirão mais confiança em relação ao assunto, além de ser um auxílio a família na educação de seus filhos (Figura 3).

Figura 3. Percepção dos Professores sobre a Educação Sexual.



Fonte: Elaborado pelos Autores (2019)

A sexualidade é um processo contínuo de aprendizagem e descobertas para os adolescentes, estando relacionada com vários aspectos da vida, fato este que coloca a família como parte essencial no repasse dos valores sociais que ajudarão os jovens a lidar com a compreensão e construção de sua sexualidade (RESSEL *et al.*, 2011). De acordo com Nery *et al.* (2015), para que a sexualidade seja trabalhada junto a família se faz necessário, que os pais saibam seu significado e sua complexidade, pois somente assim, esse tema poderá ser abordado conforme a realidade cultural, social e religiosa de cada um.

Dos dez professores interrogados sobre a atuação dos mesmos em projetos da escola envolvendo temas transversais, em especial a “Educação Sexual”, apenas um professor relatou que está inserido, demonstrando com isso um desinteresse com o tema por parte da maioria. Outro fato relevante de destacar é que, apenas metade dos professores conhecem os Parâmetros Curriculares Nacionais, principalmente o trecho que destaca a Educação Sexual como possibilidades de ser abordado na escola (Figura 3). A escola precisa ter uma ação crítica e educativa sobre a educação sexual, nesse sentido os temas relacionados com essa temática precisam ser vistos como algo normal, que devem ser discutido no dia-a-dia de maneira natural com crianças e adolescentes para que os mesmos no futuro não tenham dificuldades em se expressar (ROSSAROLLA *et al.*, 2018).

Conforme um estudo realizado por Maia *et al.* (2011), os quais desenvolveram um projeto de intervenção em ES para educadores e alunos de uma pré-escola, os autores perceberam que após a intervenção, a sexualidade que antes era vista com algo errado, passou a ser vista de forma natural, possibilitando um pensamento crítico aos professores e alunos os quais estariam preparados para as experiências que viessem a surgir durante sua vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste estudo, foi possível constatar que tanto o gestor quanto os professores da escola municipal de Barreiras-BA, apresentam um conhecimento superficial sobre a Educação Sexual, necessitando assim de uma formação continuada sobre a temática para que ao mesmo tempo consigam desenvolver estratégias que auxiliem no trabalho com a sexualidade. A pesquisa revelou que gestor e professores consideram importante o debate sobre a educação sexual, porém a maioria alega que essa temática deve ser trabalhada exclusivamente nas aulas de Ciências e Biologia, revelando assim um conhecimento limitado dos PCN's sobre o que trata os temas transversais.

Nesse sentido, cabe ao governo promover a capacitação para profissionais da educação e saúde, de modo que sensibilize-os e oriente-os a desenvolver ações em parceria também com a família, para que assim seja possível dialogar sobre temas tão delicados e que exigem cautela, conhecimento e compromisso de todos em prol do bem estar de crianças e adolescentes.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. secretaria de educação fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: orientação sexual**. Brasília, DF, 1998.
- BEZERRA, A. L. O.; Rodrigues; M. J. A. de. A; SANTOS, M. I. L. de. J. Educação sexual. Intervenção em saúde escolar. **Revista Sinais Vitais**, v. 2, p. 04, 2018.
- COSTA, P. C. F.; VILLANI, A.C.C, ÉDINA, F. Adesão das escolas à educação sexual: uma metodologia de análise. **REEC: Revista electrónica de enseñanza de las ciencias**, v. 17, n. 2, p. 337-358, 2018.
- FIGUEIREDO, R. *et al.* Adoção de orientações visando à prevenção da violência contra escolares: uma ação conjunta entre a saúde e a educação. **BIS. Boletim do Instituto de Saúde (Impresso)**, v. 14, n. 3, p. 335-343, 2013.
- FERNANDES, F.; LORENZETTI, L. A Educação Sexual nos anos iniciais: um estudo a partir de dissertações e teses. **Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia**, v. 12, n. 1, 2019.
- GONÇALVES, R. C.; FALEIRO, J. H.; MALAFAIA, G. Educação sexual no contexto familiar e escolar: impasses e desafios. **Holos**, v. 5, p. 251-263, 2013.
- GONÇALVES, R. C.; PAES, D. C.; FAVORITO, A. P. Educação Sexual nas séries iniciais do Ensino Fundamental: O que educadoras da rede municipal de ensino de Pires do Rio (Goiás) têm a dizer?. **Multi-ScienceJournal**, v. 1, n. 3, p. 69-78, 2015.

HOLANDA, M. L. de. *et al.* O papel do professor na educação sexual de adolescentes. **Cogitare Enfermagem**, v. 15, n. 4, 2010.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. 2017. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/barreiras/panorama>. Acesso em: 18 jul. 2019

MOIZÉS, J. S.; BUENO, S. M. V. Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do ensino fundamental. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 44, n. 1, p. 205-212, 2010.

MARTINS, C. B. De. G. *et al.* Oficina sobre sexualidade na adolescência: uma experiência da equipe saúde da família com adolescentes do ensino médio. **Revista Mineira de Enfermagem**, v. 15, n. 4, p. 573-578, 2011.

MALTA, D.C. *et al.* Saúde sexual dos adolescentes segundo a Pesquisa Nacional de Saúde dos Escolares. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 14, p. 147-156, 2011.

MAIA, A. C. B.; RIBEIRO, P. R. M. Educação sexual: Princípios para ação. **doxa**, v. 15, n. 1, p. 75-84, 2011.

MAIA, A. C. B. *et al.* Projeto de intervenção em educação sexual com Educadoras e alunos de uma pré-escola. **Revista Ciência em Extensão**, v. 7, n. 2, p. 115-129, 2011.

NOTHAFT, S. C. Dos. S. *et al.* Sexualidade do adolescente no discurso de educadores: possibilidades para práticas educativas. **Revista Mineira de Enfermagem**, v. 18, n. 2, p. 284-294, 2014.

NERY, I. S. *et al.* Abordagem da sexualidade no diálogo entre pais e adolescentes. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 28, n. 3, p. 287-292, 2015.

OLIVEIRA, R. R. De.; BRANCALEONI, A. P. L.; SOUZA, T. N. de. Formação de professores para o trabalho com o tema sexualidade no cotidiano escolar. **Góndola, enseñanza y aprendizaje de las ciencias**, p. 34-48, 2013.

RESSEL, L. B. *et al.* A influência da família na vivência da sexualidade de mulheres adolescentes. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, v. 15, n. 2, p. 245-250, 2011.

ROSSAROLLA, J. N. *et al.* A formação de educadores sexuais na licenciatura em ciências biológicas do IFRO – campus colorado do oeste/RO. **RIAEE – Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 13, n. 1, p. 175-189, 2018.

SILVA, D. R. Q. Da. Exclusão de adolescentes grávidas em escolas do sul do Brasil: uma análise sobre a educação sexual e suas implicações. **Revista de Estudos Sociais**, n. 57, p. 78-88, 2016.

SOUZA, A. D. F. De; ANDRADE, L. O. De. Espaço escolar: o professor frente a situação de violência. **Revista científica eletrônica de pedagogia da faef**, n. 32, 2019.